



UMA QUESTÃO DELICADA: A QUALIDADE DOS LIVROS LITERÁRIOS INFANTIS SOB O OLHAR DAS CRIANÇAS

THE QUALITY OF LITERARY INFANCY BOOKS THROUGH THE POINTVIEW OF CHILDREN: A DELICATE ISSUE

Maria Elisa de Araújo Grossi  0000-0003-2599-3777
Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG
meagrossi@yahoo.com.br

Maria Zélia Versiani Machado  0000-0002-6474-6966
Universidade Federal de Minas Gerais
zelia.versiani@gmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v2i1.2065>

Recebido em 29 de janeiro de 2021
Aceito em 20 de março de 2021

Resumo: Este artigo é um recorte de uma pesquisa de Doutorado que teve como foco analisar elementos destacados por crianças do 1º Ciclo na leitura compartilhada de livros considerados *Altamente Recomendáveis* pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Como metodologia de pesquisa, desenvolvemos conversações literárias com 25 crianças, divididas em grupos de 4 ou 5 leitores, tendo como referência a dinâmica do *Círculo de Leitura* (DANIELS & STEINEKE, 2004; COSSON, 2014) e o enfoque *Dime* (CHAMBERS, 2007), que estimulam o leitor a falar de suas leituras e a compartilhar as suas ideias com o outro. O artigo focaliza a polêmica e complexa questão da qualidade de uma obra literária sob a perspectiva das crianças. A interação com os pequenos leitores sobre os livros premiados revelou aspectos das escolhas críticas que fazem, possibilitando que se reunissem elementos para a reflexão mais ampla sobre a formação de leitores e a importância das mediações.

Abstract: This article is an excerpt of a Doctoral research that focused on analyzing which elements of books considered highly recommended for children by the Children's Books National Foundation (FNLIJ) were perceived and highlighted by children themselves. The research methodology consisted of conducting literary conversations with 25 children divided in groups of four to five people, based on the Reading Circle Dynamic (DANIELS & STEINEKE, 2004; COSSON, 2014) and the *Dime* Approach (CHAMBERS, 2007), which stimulate the reader to talk about their reading experience and share it with others. The article focuses on the controversial and complex issue of the quality of the literary book from the perspective of children. The interaction with the young readers about the award-winning books revealed aspects of the critical choices they make, allowing elements to be gathered for a broader reflection on the formation of readers and the importance of mediations.

Palavras-chave: Qualidade estética. Livro Infantil. Criança leitora.

Keywords: Aesthetic quality. Children's books. Child reader.

1 Os diferentes olhares sobre a qualidade estética

A qualidade estética do livro de literatura infantil é um tema delicado e passível de abordagem por diferentes perspectivas. Nessa discussão, podemos considerar a perspectiva de diferentes setores e sujeitos implicados no circuito de produção, distribuição e recepção do livro, como o escritor, o ilustrador, o crítico literário, o professor, o pesquisador, no entanto, nem sempre se ouve o que a criança da Educação Infantil, a criança em processo de alfabetização, a criança que já lê com fluência tem a dizer sobre isso. Além desse lugar social de quem trata do tema, há que se considerar também o fato de o livro ser uma produção histórica, por isso incorpora tendências e valores culturais de sua época de produção e publicação, indicadores de que critérios de qualidade estética se modificam com o tempo. Concordamos, assim, com Coelho (2000, p. 25), para quem “cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo.”

Há anos, o tema “qualidade estética do livro infantil” desperta a atenção de todos aqueles que se interessam pelo fenômeno literatura infantil e daqueles que, de alguma forma, se envolvem com o processo de avaliação de suas obras. Segundo Maciel (2008, p. 9), “as relações entre avaliação e livros de literatura destinados ao espaço escolar possuem uma longa história.” A pesquisadora salienta que mesmo antes da criação dos grupos escolares, no Brasil, por volta do final do século XIX, o Conselho de Instrução Pública já avaliava os livros literários que seriam lidos pelos alunos das escolas públicas brasileiras. Com o aumento do número de escolas primárias, observou-se uma expansão editorial em torno dos livros de destinação escolar. Ainda segundo Maciel (2008, p. 9), os critérios de avaliação dos membros do Conselho se pautavam basicamente no uso do vocabulário adequado, na análise das ilustrações e qualidade do papel.

Ao refletir sobre a natureza e o objetivo da literatura infantil, Coelho (2000, p. 28) ressalta que muitas das questões levantadas pelos estudiosos incidem sobre a própria concepção de literatura. Esta, muitas vezes, tem sido reavaliada de época em época. Assim, o que a história tem mostrado é o caráter mutável dessa concepção que influencia a definição de critérios de qualidade adotados ao longo dos tempos. Estudos a respeito da história da literatura infantil revelam que, em sua origem, os textos literários possuíam caráter moralizante com forte preocupação pedagógica (COELHO, 2000, p. 20-21; ZILBERMAN, 2003, p. 207; COLOMER, 2017, p. 19). Esse tom moralizante, que ainda persiste até hoje em muitos livros, aos poucos, passou a ser questionado, chegando a ser definido como “característica da má literatura infantil” (ARROYO, 2011, p. 13). Uma análise mais detalhada dessa história revela que o texto literário vai, aos poucos, se afastando da pedagogia para ser considerado literatura (ZILBERMAN, 2003, p. 57), e esse afastamento apresenta, atualmente, reflexos na avaliação da qualidade estética das obras.

Muitas dúvidas surgem no momento da seleção de livros de literatura infantil e sabemos o quanto a oferta do mercado editorial contemporâneo é expressiva. Hunt (2010, p. 23) ressalta que houve, nos últimos vinte anos, “uma explosão de textos”, e, segundo o autor, “muitos deles da melhor qualidade”. Lajolo e Zilberman (2017, p. 60), ao analisarem dados constantes de relatórios intitulados “O comportamento do setor editorial brasileiro”, indicam que, só em 2015 – ano dos livros que fizeram parte da nossa pesquisa –, foram editados 6.783 livros infantis. Essas autoras destacam que a produção de literatura infantil e juvenil quase sempre supera a da literatura destinada ao público adulto.

Tais dados mostram que o processo de encorpamento da literatura infantil e juvenil, iniciado a partir dos anos de 1970, foi levado adiante e fortalecido, fazendo com que livros para crianças e jovens passassem a representar fatia cada vez maior do mercado (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 61).

Quando analisamos esses dados, surgem algumas questões: Será que todos os livros publicados anualmente possuem qualidade literária? Que parâmetros utilizar para avaliar a qualidade de uma obra de literatura infantil? Acreditamos que há uma tensão constante em torno desse tema e ela é apontada por muitos pesquisadores. Para Colomer (2003, p. 23), os livros infantis e juvenis são objeto de polêmica e atenção desde seu nascimento como fenômeno cultural, no século XVIII.

Ao nos debruçarmos sobre a questão da qualidade estética dos livros literários, percebemos que alguns escritores apresentam os seus critérios (OLIVEIRA, 2005) e julgamos ser fundamental “ouvir a voz de quem produz” (OLIVEIRA, 2005, p. 5) a respeito do processo de criação artística dos livros. Os autores do texto verbal nos convidam a avaliar, dentre outras coisas, a forma como é construído o discurso ficcional (BERNARDO, 2005, p. 15) e poético.

Refletindo sobre o seu próprio processo de escrita, Bartolomeu Campos de Queirós (2005, p. 174) salienta elementos essenciais de uma obra literária “que procura ser também possível aos mais jovens”. Para o autor, uma obra literária acorda o leitor para novas perspectivas diante do mundo. Assim, ela surpreende, instiga e subverte pelo encantamento que suscita no leitor. Em sua análise, o autor destaca os seguintes elementos como essenciais para uma obra: adequação da linguagem sem empobrecer o texto, ritmo e sonoridade, busca do inusitado, capacidade de sedução. Após listar esses elementos, o escritor realça que “tudo se concretiza pelo uso da palavra”. O autor destaca também que reler é mais importante que ler, pois o que se descobre numa releitura rejuvenesce. Nessa perspectiva, “todo bom texto é para sempre jovem” (QUEIRÓS, 2005, p. 174). Acreditamos que o autor fornece boas pistas sobre a questão da qualidade do texto escrito.

Além dos escritores, os ilustradores também explicitam seus critérios, assim como os *designers* (OLIVEIRA, 2008; HENDEL, 2003; FARBIARZ *et al.*, 2008) artistas que, a cada dia, têm reafirmado a importância do texto visual e do projeto gráfico no conjunto da obra. Para Alarcão (2008, p. 62), “o abraço dialético entre palavras e imagens” fica cada dia mais caloroso nas obras literárias. Analisando a questão das diferentes técnicas de ilustração, o autor faz uma retrospectiva histórica da necessidade humana de deixar as suas marcas em todo lugar, utilizando, para isso, pedra, madeira, sangue, terra, carvão, e, atualmente, os recursos tecnológicos, criando, assim, verdadeiras obras de arte. Alarcão (2008, p. 73) destaca que os materiais dos ilustradores vêm mudando ao longo da história da humanidade, assim como os suportes e os veículos, porém eles usam a palavra como matéria-prima, dando a ela visualidade, narrando, assim, muitas histórias por meio de imagens. Os ilustradores e *designers*, ao abordarem a questão da qualidade estética dos livros infantis, realçam a importância desse relacionamento que acontece entre a imagem, o texto e o projeto gráfico com vistas à “potencialidade expressiva da obra” (FITTIPALDI, 2008, p. 105).

Além das considerações dos escritores, ilustradores e *designers*, brevemente apontadas acima, os educadores também revelam seus critérios de qualidade como verificamos no livro *O que é qualidade da literatura infantil e juvenil*: com a palavra o educador (OLIVEIRA, 2011). Destaca-se que a palavra “educador”, nessa obra, é

abrangente e compreende depoimentos de professores, pesquisadores e mediadores de leitura. Assim, esses diferentes atores sociais, que se encontram no lugar da mediação, analisam a questão da qualidade, ampliando a nossa reflexão sobre o tema. Dentre as várias análises presentes na obra, trazemos a de Martha (2011) que, de certa forma, congrega as demais:

Como educadores, ao pensarmos sobre o que pode cumprir essa função de modo sensível, entendemos que o primeiro requisito da produção literária para crianças e jovens é que seja arte, literatura em sentido lato, cujo compromisso primeiro se manifeste com a iniciação da criança na experimentação do prazer estético (MARTHA, 2011, p. 49).

Assim, os educadores, ao abordarem o tema da qualidade do livro infantil e juvenil, destacam a necessidade de se considerar a construção artística da obra, tanto em relação ao projeto gráfico-editorial quanto no que tange à qualidade inerente ao texto verbal e visual.

A questão da qualidade dos livros literários é, pois, abordada por distintos setores do livro e da leitura interessados no tema e cada um deles aponta elementos a serem considerados na avaliação. Buscando mostrar a complexidade dessa questão, Cunha (2005) problematiza:

[...] Em segundo lugar, desconfio que seria impossível afirmar categoricamente o que é a qualidade neste campo, pois existem várias formas de fazer avaliação: devemos concordar com o que os críticos defendem? Ou confiar no que as premiações apontam? Ou seguir o que os professores argumentam? Ou, ainda, apostar no que as crianças dizem? Um pouco de cada, tudo ao mesmo tempo agora? (CUNHA, 2005, p. 77).

A constatação do autor nos convida a pensar como a questão da qualidade estética é atravessada por múltiplos fatores, reforçando a complexidade do tema, porém, ressalvadas as diferenças conforme o lugar de onde se trata do tema, parece haver um consenso em torno da importância da avaliação do livro infantil, ainda que esta não seja uma tarefa fácil.

Nos processos de seleção e avaliação de livros para crianças, a necessidade de se definir critérios de qualidade incentivou a realização de pesquisas. Dentre elas, destacamos a tese de Abreu (2015), que analisou *A Voz da FNLIJ nas Premiações de 2012 e 2013*, tema que dialoga com nosso estudo. A pesquisadora buscou, como aponta o título da tese, “explicitar o que é qualidade em literatura infantil, segundo a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil” (ABREU, 2015, p. 6), ou seja, segundo o grupo de leitores que participam do processo de avaliação anual de livros promovido por essa entidade. Para isso, analisou as justificativas elaboradas pelos votantes, em sua maioria professores universitários, estudantes de pós-graduação, votantes do processo de premiação, que, além de apresentar uma relação de livros *Altamente Recomendáveis*, premia os livros que se destacam em diferentes categorias. Com esse objetivo, a investigadora se apoia em estudos da sociologia da leitura como se pode ver no trecho abaixo:

Como percebemos de maneira mais ampla nas esferas social e cultural, grupos intelectuais de prestígio apresentam modelos

intelectuais e de comportamento que podem definir convenções e regras que funcionam como modelos adotados por uma classe ou determinado campo de trocas simbólicas (ABREU, 2015, p. 25).

Tendo Bourdieu (2007) como um dos suportes teóricos de seu estudo, a pesquisadora ressalta que interessa à sua investigação o poder representado pela FNLIJ “como instituição que é e o conhecimento que nela ou por ela é produzido e legitimado” (ABREU, 2015, p. 26), no que se refere à qualidade das obras literárias.

Uma análise do regulamento do Prêmio FNLIJ revela que os critérios de qualidade considerados pela Fundação para a premiação são: “a originalidade do texto, a originalidade da ilustração, o uso artístico e competente da língua e do traço, a qualidade das traduções, considerando o conceito de objeto-livro, que inclui o projeto editorial e gráfico” (PRÊMIO FNLIJ 2019, Art. 8º). Observa-se que o regulamento contempla critérios amplos que demandam detalhamento e discussão por aqueles que participam do complexo processo de avaliação.

A lista dos premiados que a FNLIJ disponibiliza, a cada ano, em seu site, exerce influências nas escolhas de livros por instituições como escolas, bibliotecas e demais instâncias de mediação de leitura, bem como nas escolhas dos próprios mediadores de leitura, visto que a entidade é referência brasileira no campo da avaliação e seleção de livros de literatura infantil e juvenil. Cumpre, deste modo, o que Lajolo & Zilberman (2017, p. 27) destacam quando afirmam que “a natureza literária de certos textos é postulada, reconhecida e avaliada por um grupo específico – críticos e acadêmicos – a quem se evocou a missão de estabelecer, alterar e legislar a respeito da identidade e do valor dos escritos que almeja(va)m o *status* de arte.” As autoras confirmam, assim, que a avaliação de um grupo específico é reconhecida e legitimada socialmente, motivo pelo qual tem grande poder de influência em processos de seleção por diferentes instituições.

A respeito de listas com indicações de livros considerados de qualidade, publicadas por diferentes entidades, em diferentes países, Hunt (2010, p. 29, grifo do autor) destaca que “todas essas listas, sejam de intenções comerciais ou altruístas, certamente poupam tempo e possibilitam que bibliotecários sob pressão, professores e outros ‘usuários’ façam suas escolhas ‘informados’”. Entretanto, o pesquisador argumenta que elas também podem restringir o leque de opções que a produção editorial oferece. A organização e a divulgação dessas listas, muitas vezes, podem impedir que os interessados analisem outras obras de qualidade, que, por razões adversas, acabaram não compondo o rol apresentado. No entanto, este argumento não descarta para o autor o posicionamento a favor da utilização de critérios básicos para uma avaliação da qualidade das obras. Segundo ele, “para que a ficção e a poesia façam parte do sistema educacional, elas precisam ser de algum modo avaliadas” (HUNT, 2010, p. 20). O autor salienta, dessa forma, a necessidade de avaliação das obras a serem trabalhadas com os estudantes.

O que se observa, no processo de avaliação de obras literárias, é que sempre há dúvidas em relação aos critérios. Trazendo contribuições ao debate, ao analisar características mais específicas da obra, Colomer (2017, p. 254-255) pontua que a qualidade de um livro se baseia na comparação e na apreciação de seus distintos elementos. Dentre eles, a pesquisadora destaca: a análise da narrativa literária, a análise da ilustração, a análise dos elementos materiais do livro e a análise da relação entre o texto e a imagem. Considerar esses diferentes aspectos permitiria, segundo a autora, uma avaliação mais detalhada da qualidade da obra. Há, portanto, segundo a autora uma

forte perspectiva relacional quando se analisa uma obra avessa a que critérios sejam tomados isoladamente.

Andruetto (2012, p. 60-61), ampliando esse debate, adverte que, em meio à contínua renovação de livros de literatura infantil pelo mercado, faz-se urgente pensar numa literatura sem adjetivos, que se pauta, sobretudo, pela qualidade do texto.

O que pode haver de “para crianças” ou “para jovens” numa obra deve ser secundário e vir como acréscimo, porque a dificuldade de um texto capaz de agradar a leitores crianças ou jovens não provém tanto de sua adaptabilidade a um destinatário, mas, sobretudo, de sua qualidade, e porque quando falamos de escrita de qualquer tema ou gênero o substantivo é sempre mais importante que o adjetivo (ANDRUETTO, 2012, p. 61).

A autora reforça que um livro de qualidade literária pode garantir a sua circulação por um longo período e que a literatura não pode ser confundida com cifras de venda, visto que é “uma das expressões mais importantes da cultura” (ANDRUETTO, 2012, p. 62). A autora coloca, dessa forma, as implicações frágeis do mercado editorial como fator de mensuração de uma possível qualidade das obras.

Consideramos que toda essa produção teórica contribui com a discussão contemporânea sobre a qualidade dos livros, sintetizando elementos que colaboram com a análise de livros narrativos e poéticos escritos para crianças e jovens. Em nossa opinião, observar os elementos que escritores, ilustradores, *designers*, pesquisadores e educadores, por diferentes vieses, apontam, significa, antes mesmo de uma discussão da qualidade, o reconhecimento do direito das crianças a terem acesso à literatura, porque nos respaldamos em pontos de vista de quem já trilhou um caminho de leituras e acumulou um repertório que pesa muito nas escolhas que faz. Esse contraponto com visões críticas a respeito do livro nos ajuda a lidar com a quantidade de obras, catálogos de editoras, divulgadores de livros, que atualmente circulam pelas escolas e nos obriga a refletir sobre os critérios que julgamos importantes na avaliação de um livro infantil.

No caso dos livros para crianças, interesse de nossa pesquisa, sabemos que os critérios de qualidade são determinados pelos adultos e nem sempre há consenso entre eles. Por diversas vezes participamos, no Grupo de Pesquisa do Letramento Literário (GPELL), de acaloradas discussões sobre que obra indicar para ser premiada pela FNLIJ, e a definição dos livros que ganharão destaque gera momentos de intenso e proveitoso debate, em razão das diferentes percepções do aspecto qualitativo que distingue a obra como a melhor em determinada categoria. Nessas discussões, temos observado que as trajetórias de formação e de pesquisa de cada leitor votante influenciam os elementos que ele aponta ao grupo na defesa de seus argumentos. A participação nesse processo, desde 1995, tem revelado ao GPELL como a questão da qualidade do livro infantil é, por vezes, tênue e delicada. No processo de negociação, sobressai a formação literária dos votantes ao avaliar esse objeto heterogêneo chamado “livro infantil”. Corrêa (2008) trata da complexidade envolvida na análise de uma obra infantil:

Pode-se afirmar, então, que o livro infantil constitui um conjunto de sistemas semióticos, porque, além do verbal e da ilustração – que pode se subdividir em outras tantas linguagens, conforme a(s) técnica(s) utilizada(s) – existe ainda um projeto gráfico a se considerar, com a variação de tamanhos e formatos, a profusão de cores, etc. (CORRÊA, 2008, p. 92).

A configuração múltipla do livro infantil, destacada pelo autor, revela que, em contextos de mediação literária, adotar critérios ajuda a “discernir o que está acontecendo nos textos ou com os textos” (HUNT, 2010, p. 28) e de que forma. Como a oferta editorial contemporânea para esse segmento é bastante expressiva, considerar critérios básicos dá suporte para selecionar, com maior segurança, bons livros de literatura, sabendo que “tratar de qualidade estética de obras literárias requer, sempre, um juízo de valor” (CORRÊA, 2008, p. 95). Sobre o caráter instável do juízo de valor, o escritor Bartolomeu Campos de Queirós, ao discutir a questão da qualidade que procura imprimir aos seus próprios textos literários, destaca: “Considero ainda que os valores manifestados só são ‘valores’ por não serem definitivos, mas em constantes transformações. Nossa verdade inquestionável é a dúvida” (QUEIRÓS, 2005, p. 167, grifo do autor). Estamos, então, tratando de um tema cheio de nuances, permeado mais de dúvidas que de certezas absolutas, porém acreditamos que escolher livros, com base em uma leitura estética a um só tempo aberta e criteriosa, mostra-se um caminho mais adequado por parte de professores e mediadores de leitura do que realizar escolhas sem critério algum.

Ao participarmos de processos de discussão, análise e seleção de livros para crianças, nas reuniões do GPELL, uma pergunta sempre nos despertava curiosidade: como seria a escolha das crianças? E, a partir desta, outras indagações iam surgindo: daquele rol de livros listados como obras de qualidade, pelos adultos, quais elas escolheriam para leitura? Que aspectos elas levariam em consideração em suas escolhas? Foram essas e outras questões que nos levaram a realizar a pesquisa de Doutorado, nos anos de 2016 e 2017, na qual procuramos ouvir o que as crianças tinham a dizer sobre livros de literatura a elas endereçados. A seguir, trazemos alguns episódios que dão voz às crianças que participaram da pesquisa e revelam alguns elementos que elas observam num livro infantil.

2 Com a palavra as crianças leitoras

Na discussão sobre a qualidade estética dos livros, e a investigação contribuiu para realizarmos tal reflexão, acreditamos que conhecer as particularidades do leitor, em sua heterogeneidade, e da própria experiência de leitura deve ganhar centralidade, afinal, estudos apontam que para todo e qualquer leitor, seja ele adulto ou criança, “a seleção dos livros é uma peça fundamental para sustentar o desejo de ler” (COLOMER, 2017, p. 96). Reconhecer esse aspecto do desejo nas escolhas de livros literários, ressaltado pela pesquisadora, nos parece essencial para aqueles que trabalham com crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental e que se preocupam com o processo de formação de leitores.

Ao final de sua tese, Abreu (2015), já mencionada neste texto, aponta a importância de futuras pesquisas que investiguem a recepção dos livros premiados. Dentre as perguntas indicadas em sua pesquisa como necessárias a investigações futuras, destacamos algumas que nos interessaram de perto: como as crianças observam as obras literárias? Que aspectos destacam nelas e como percebem a sua materialidade? A leitura da tese de Abreu (2015) reafirmou, assim, a pertinência de ouvir a criança a respeito de algumas obras a ela endereçadas e consideradas *Altamente Recomendáveis* pelos adultos. Seriam elas, afinal, obras recomendadas também pelas crianças?

Os dados de nosso estudo apontam que as crianças leitoras, ao escolherem um livro que desejam ler, também se deixam guiar por critérios que elas próprias estabelecem de acordo com vivências e repertórios que vão construindo, como veremos posteriormente neste texto. Para nós, conhecer os critérios dos pequenos leitores poderia contribuir na discussão da qualidade estética do livro infantil, na perspectiva da recepção. Afinal, como provoca Queirós (2005, p. 174), não seria também “tarefa do leitor identificar ou não a qualidade?”. A partir dessa questão, por nove meses, realizamos encontros periódicos e entrevistas com um grupo de 25 crianças que cursavam, em 2016, o primeiro ano do Ensino Fundamental. Em 2017, demos continuidade à investigação com as mesmas crianças, que, naquele ano, cursavam o segundo ano. Como metodologia de pesquisa, adotamos a prática dos círculos de leitura¹ e a abordagem *Dime*,² *Diga-me*, para nos aproximar dos critérios que elas utilizavam para escolher os livros literários. A seguir trazemos alguns trechos dos muitos transcritos desses encontros.

Vejamos o que disseram algumas crianças³ que estavam sendo alfabetizadas, participantes da pesquisa, sobre o que não pode faltar num livro infantil:

Data: 26/11/2016

[...]

Pesquisadora: Se você fosse falar com um escritor ou escritora assim... Um autor que escreve pra criança...

Luna: Hum... Hum...

Pesquisadora: Se você fosse falar com ele, o que vocêalaria para ele que é importante num livro para criança?

Luna: **Que seja legal, bastante engraçado e que tenha bastante figura.**

Pesquisadora: Ah!... Tem que ser engraçado...

Luna: **Legal e com bastante figura** (Completando a fala da pesquisadora).

Pesquisadora: Ah, você acha que livro pra criança tem que ter bastante figura?

Luna: **É. Eu gosto bastante de figura. Porque às vezes... imagina...** Um escritor faz um livro só de figuras. **Aí eu acho que é melhor pra entender... é... quando assim... eu vejo... assim as imagens.**

Pesquisadora: Te ajuda?

Luna: **É. Às vezes, quando eu vou ver revistinhas, só pelas imagens eu já entendo a historinha.**

[...]

Foi possível perceber como a criança, em processo de alfabetização, revela a consciência de que as imagens contribuem para a construção de sentidos do texto verbal e, segundo ela, podem até prescindir dele, no caso das revistinhas. A partir das imagens, ela cria suas próprias histórias, imagina relações entre as personagens representadas na ilustração, busca construir sentidos para a narrativa imagética. Luna destaca, com

¹ “Um círculo de leitura é basicamente um grupo de pessoas que se reúnem em uma série de encontros para discutir a leitura de uma obra” (COSSON, 2014, p. 157).

² O enfoque de “*Dime*” (*Diga-me*) parte de um modo conversacional básico, aumentando o número de participantes de uma criança e um adulto, para um adulto facilitador junto a uma comunidade de crianças leitoras cujo interesse mútuo se concentra em um texto compartilhado (CHAMBERS, 2007, p. 29, tradução nossa).

³ Os nomes são fictícios, de acordo com as normas éticas de pesquisa.

clareza, as características que, para ela, seriam importantes num livro destinado ao público infantil: “legal, engraçado e que tenha bastante figura”. A menina sintetizou, assim, o que outras crianças disseram ao longo da pesquisa. No episódio, ela nos faz recordar de um trecho do clássico *Alice no país das maravilhas*, no qual a protagonista questiona: “De que serve um livro sem figuras nem diálogos?”.⁴ As crianças pequenas, quando leem, se apoiam, primeiramente, no texto imagético. Em consonância com a personagem Alice, Luna, de modo assertivo, reforça a sua predileção pelo *livro ilustrado*, uma designação para o livro infantil que tem como base um conceito que se destaca na atualidade. Um conceito que põe em diálogo o texto verbal ao texto imagético na construção narrativa. Discorrendo sobre as relações entre imagem e texto verbal, Colomer (2017, p. 45, grifo do autor) ressalta:

A presença de imagens nos livros infantis permite deslocar para elas diferentes elementos narrativos que, desta forma, podem continuar presentes na narrativa sem sobrecarregar o texto. Tradicionalmente, a ilustração e o texto moviam-se em dois planos paralelos. Um contava a história e o outro a “ilustrava”. Mas uma parte dos livros atuais incorporou a imagem como um elemento construtor da história, de maneira que o texto e a ilustração complementem as informações.

Na avaliação das crianças, pelo que observamos nos círculos de leitura e nas entrevistas, a imagem exerce um poder forte em suas escolhas. Durante a pesquisa, quando falavam dos livros, elas logo se referiam às imagens e à possibilidade de atribuição de sentidos a partir de sua leitura. Na fase de aprendizado da leitura e da escrita pela qual passavam as crianças naquela etapa de escolaridade, as imagens funcionariam como elementos encorajadores para a leitura do texto verbal com autonomia.

Observamos que as crianças, ao lerem as imagens, criam narrativas e experimentam formas sensíveis de diálogo e de aproximação com o livro, ampliando suas experiências estéticas. Além de realçarem o significado da ilustração numa obra, vejamos o que mais nos diz outra criança sobre o livro infantil, provocada pela mesma pergunta:

Data: 24/05/2017

[...]

Pesquisadora: Se você pudesse conversar com um escritor ou uma escritora de livro para crianças, o que você diria para ele/a que não pode faltar num livro para criança?

Pipoca: **Eu diria assim** (Fala apontando o dedo indicador como se o escritor/a estivesse presente) **“Não deixa, no livro para criança, não deixa a parte branca... só deixa tudo colorido que aí fica muito melhor.**

Pesquisadora: Ah é? Tem algum outro conselho que você daria para ele?

Pipoca: **Num livro pra criança, eu acho que não deve ter muito escrito, senão ela vai cansar e não vai conseguir ler.**

⁴ CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Trad. Nicolau Sevcenko. Ilustrações. Luiz Zerbini. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Capítulo 1. Descendo à toca do coelho (p. 11): “Alice estava começando a se aborrecer de ficar sentada ao lado da sua irmã num recosto do jardim, sem nada para fazer. Dava uma ou outra olhadela no livro que a irmã lia, mas implicava: - **De que serve um livro sem figuras nem diálogos?**”

Pesquisadora: Ah... Ela vai cansar?

Pipoca: Isso. Tem que pôr menos escritos e colocar mais cor nos livros.

Pesquisadora: Tem outra coisa que você gostaria de falar para ele?

Pipoca: Não, acho que não.

[...]

No episódio, a criança inicia a sua fala destacando a importância da cor no livro infantil. As falas dos pequenos leitores, ao longo de toda a pesquisa, demonstraram que a variedade e profusão de cores as atraem. As cores preencheriam uma expectativa de movimento e até mesmo de maior possibilidade de emoção narrativa, por isso o conselho de Pipoca: “[...] só deixa tudo colorido que aí fica muito melhor.”. Ela sugere que o autor “não pode deixar parte branca”, referindo-se às extensões de espaços em branco que aparecem nas páginas de muitos livros. Ao discorrer sobre o livro infantil e o mundo de cores, Benjamin (2009, p. 62) afirma que as crianças aprendem no colorido. O autor destaca que a fantasia pura se deleita nesses jogos de cores (BENJAMIN, 2009, p. 61) e ressalta, em sua análise, “a vida sonhadora que as coisas levam no espírito das crianças”. Na investigação, observamos que a cor estimula nas crianças uma avaliação mais positiva da obra. Durante as suas escolhas, elas não se interessaram por algumas obras pelo fato de serem em “preto e branco” e apontaram isso à pesquisadora. A preferência pelo policromático orienta as escolhas de grande parte das crianças e somente após a leitura mediada de livros monocromáticos é que elas, aos poucos, vão ampliando as suas escolhas, o que evidencia a importância da mediação na abertura para outras experiências estéticas.

Com base nos dados e também em nossa experiência como docente da educação básica, acreditamos que alguns aspectos culturais poderiam explicar o efeito causado pela cor nesses pequenos leitores. De certa forma, há uma tradição muito forte em representações que recorrem a uma profusão mais intensa de cores nos produtos culturais do universo infantil. Se observarmos os brinquedos, os desenhos da TV, os materiais escolares, as lojas de brinquedos infantis, dentre outros produtos culturais para a criança, podemos notar que eles abusam dos tons coloridos para atrair a atenção dos pequenos. Nessa perspectiva, seria possível pensar na construção de uma estética infantil à qual a criança é exposta desde muito cedo que acabaria por definir a preferência pela cor, sem espaços em branco, entendidos como inacabados. Uma pesquisa que dá voz às crianças suscita o aparecimento de questões que nos mobilizam a manter uma atitude sempre problematizadora diante do que se apresenta aos olhos daqueles que ocupam o lugar da mediação. Este lugar estaria, portanto, nesse intervalo entre o que as crianças gostam e o que favoreceria a ampliação desse gosto, apresentando-lhes também outras estéticas visuais.

No episódio, além de ressaltar que o escritor deveria deixar tudo colorido, a pequena leitora também reforça que um livro para crianças “não deve ter muito escrito”. Essa última fala apareceu recorrentemente nas transcrições de outras entrevistas. Como vimos na pesquisa, as crianças participantes, convém repetir, em processo de alfabetização, ao analisarem uma obra que desejam ler, observam atentamente a quantidade de texto verbal e de texto visual, avaliação que se coloca como um critério de peso dessa escolha. Para elas, a quantidade de texto verbal não pode ser expressivamente superior à de imagens, por isso Pipoca afirma sem meias palavras: “Num livro pra criança eu acho que não deve ter muito escrito, senão ela vai cansar e não vai conseguir ler.” Segundo Ramos (2013, p. 23), as imagens se tornam de fundamental importância para a adesão das crianças à história narrada. Além do que é

apontado pela autora, a pesquisa nos trouxe indícios de que a criança que está se alfabetizando tem consciência de que está “em processo” e, por isso, prefere escolher, nessa fase, livros com textos verbais menos extensos, que possibilitariam a ela ler com maior segurança e agilidade, afinal ela experimenta a possibilidade de ler sozinha. Com base nos dados, observamos que a criança, ao ler, busca na obra os elementos que para ela facilitariam o processo de atribuição de sentidos.

Para encerrar, vejamos o que nos diz uma terceira criança, quando provocada pela mesma pergunta:

Data: 24/05/2017

[...]

Pesquisadora: Se você pudesse conversar com um escritor/a de livros para crianças, o que você falaria para ele/a que não pode faltar num livro para criança?

Luffy: Não podem faltar os desenhos da capa.

Pesquisadora: Toda capa você acha que tem que ter um desenho?

Luffy: Sim.

Pesquisadora: E por dentro do livro? O que você acha que deve ter para a criança gostar do livro?

Luffy: Diversão, diversão.

Pesquisadora: Livro para criança tem que ter diversão?

Luffy: Tem.

Pesquisadora: Como é um livro assim com diversão?

Luffy: Com muitas crianças, brincadeiras...

Pesquisadora: O que é um livro divertido?

Luffy: Que tem muitas brincadeiras, que eles se divertem...

Pesquisadora: Quem se diverte?

Luffy: Os personagens. Tipo... Esse daqui oh. (Pega, na mesa, o livro *Nino, o menino de Saturno* e mostra os personagens)

Pesquisadora: Então o que você diria a um escritor que não pode faltar num livro para criança?

Luffy: A capa colorida ... e... as brincadeiras... às vezes fazer umas piadas no meio.

[...]

Luffy aponta vários elementos que considera importantes num livro para crianças. Inicia a sua fala destacando os “desenhos da capa”. Essa relevância da capa para a criança ganhou destaque em nossa tese por ter sido uma observação recorrente, tanto nos círculos de leitura como nas entrevistas individuais. A fala da criança no episódio confirma isso, visto que “as imagens se tornam de fundamental importância para a adesão delas à história narrada” (RAMOS, 2013, p. 23). Geralmente são as imagens da capa que convidam à leitura. A ilustração na capa, em sua relação com o título, e demais aspectos que a compõem podem abrir ou fechar as portas para a leitura de um livro.

A criança também afirma, no episódio transcrito, que um livro infantil deve ter “diversão”, afinado com a criança Luna ao dizer que um livro tem de ser engraçado. Ao dialogar com a pesquisadora sobre como seria um livro com diversão, ela explica: “com muitas crianças e brincadeiras”. Ora, se analisarmos os livros que os pequenos leitores indicaram como “os desejados”, veremos que a maioria deles apresenta crianças como protagonistas e uma história considerada por elas como “engraçada e divertida”. Há na

exposição dessa preferência o claro desejo de identificação e a propensão à brincadeira e ao humor, à ludicidade.

Se observarmos a última fala da criança, perceberemos como ela realiza uma pequena síntese do que considera importante num livro infantil: capa colorida, brincadeiras e umas piadas no meio. Desta forma, as observações do pequeno leitor se aproximam dos aspectos que agradam as crianças mencionados por Linden (2011, p. 7, grifo nosso): “pelas imagens notáveis, pelas narrativas cativantes, pela originalidade de produção ou ainda pelo **humor**, o livro ilustrado infantojuvenil seduz de imediato seus leitores”. Luffy, uma criança de sete anos, e Linden, pesquisadora, mostram confluências de critérios, cada uma a seu modo e com os repertórios que têm, quando apontam aspectos de uma obra capazes de seduzir o leitor.

3 Algumas considerações que nos inquietam

Trouxemos, neste artigo, uma pequena parte do que pudemos recolher na pesquisa que procurou conhecer o que pensam as crianças, em processo de alfabetização, a respeito dos livros infantis. Foi possível perceber como a questão da qualidade estética de uma obra é complexa e pode ser analisada, como vimos, sob diferentes perspectivas: a do escritor, a do ilustrador, a do designer, a do educador, a do pesquisador, a do crítico literário e também sob a perspectiva do leitor, esta última nem sempre conhecida e devidamente considerada.

Os pequenos leitores apontaram, sem acanhamento ou sem se submeterem a protocolos, o que apreciam num livro literário, conduzidos por conversas acerca de livros considerados *Altamente Recomendáveis* pela FNLIJ e também sobre livros escolhidos por eles mesmos. Nas interações, as crianças destacaram aspectos tanto do projeto gráfico quanto do texto verbal e visual que, para elas, são códigos que se entrelaçam e não textos independentes ou excludentes. Alguns desses aspectos, observados nos episódios transcritos para este artigo, são que os livros devem possuir muitas ilustrações, ter um enredo engraçado e divertido, apresentar uma capa atrativa, ser colorido, apresentar um texto verbal com uma extensão que favoreça a leitura. Além de indicar esses elementos, elas explicaram o porquê de suas escolhas, revelando que elas não são aleatórias ou desprovidas de critérios, mas se justificam em razão das experiências e repertórios de leitura dos leitores e em função da construção de sentidos para o que se lê.

Como já mencionado, a metodologia utilizada, na perspectiva de círculos de leitura e de entrevistas semiestruturadas, tendo como suporte o enfoque de Chambers (2007),⁵ permitiu que as crianças participantes dialogassem sobre várias obras e a interação que se estabeleceu e trouxe à tona aspectos potencialmente fortes que podem oferecer elementos para a discussão da produção e das mediações literárias em contextos de formação de leitores. Nesse processo de recepção, destaca-se, muito fortemente, a preocupação da criança em produzir sentidos para o que lê. Nesse fluxo produtivo, a leitura compartilhada que realizamos foi permeada por diálogos e interações entre os leitores participantes. Nas sessões, as ideias dos leitores complementavam-se e articulavam-se num verdadeiro diálogo sobre os livros que

⁵ O enfoque denominado *Dime* (Diga-me) propõe um modo teórico-metodológico de conversação com crianças sobre livros literários que torna a interlocução mais simétrica tendo em vista a relação de poder adulto-criança. No processo de discussão das obras, a criança é convidada, por meio de perguntas, a falar de suas leituras, mas também a ouvir o que pensam os outros leitores.

receberam a distinção de qualidade por leitores adultos, evidenciando critérios de qualidade diferenciados das crianças no contato com as obras, dentre os quais o caráter definidor das capas.

Das 19 obras que compunham o corpus da pesquisa, as crianças recorrentemente se apoiavam em elementos textuais e imagéticos das capas, que levavam a imaginar um texto “legal e bastante engraçado”. O pacto lúdico associado ao humor, em muitos casos, se dava na apreciação das capas, que para as crianças representavam a porta de entrada para uma nova experiência. A relação das crianças com o objeto livro e as expectativas criadas a partir da capa nos remete a Powers (2008, p. 6), para quem elas “não fazem uma separação tão automática entre forma e conteúdo e podem estabelecer um vínculo emocional com um livro do mesmo modo como fariam com um brinquedo.” Assim, ao procederem às escolhas dos livros que seriam lidos nas sessões, grande parte das crianças observava a estética da capa como um elemento que podia ou não provocar o desejo de ler.

Em muitos casos, os livros mais escolhidos para leitura compartilhada apresentavam também um projeto gráfico-editorial constituído por muitas imagens, o que possibilitava às crianças a construção de possíveis sentidos do texto verbal: “Eu gosto bastante de figura [...] Aí eu acho que é melhor para entender [...] só pelas imagens eu já entendo a historinha”. Como estavam em processo de alfabetização, a possibilidade de construir sentidos pela leitura do texto visual surgia como condição motivadora de suas escolhas. Um critério de qualidade para além dos padrões estéticos dos pequenos leitores passava, portanto, pela viabilidade de se ler com autonomia, construindo sentidos para as narrativas e poesias com apoio nas imagens.

A possibilidade de ler com as crianças, de ouvir e de registrar tudo o que elas tinham a dizer sobre os livros lidos levou-nos a refletir sobre a importância da seleção de bons livros a serem compartilhados com elas. Conforme percebemos nos círculos de leitura, esses pequenos leitores críticos, porque já têm acesso a livros literários na biblioteca da escola e de sala, apesar de manifestarem alguma resistência inicial, mostraram-se receptivos a ampliar os seus critérios de qualidade estética ao ler obras distinguidas com o selo *Altamente Recomendáveis* por adultos. O que mostra que crianças precisam ter acesso a textos ficcionais que rompam com padrões de qualidade já experimentados, instigando-as a perceberem o inesgotável trabalho artístico com a linguagem de diferentes propostas estéticas.

A investigação evidenciou também a importância da mediação de um adulto leitor de literatura que se prepara, com antecedência, para realizar uma mediação que potencializa a leitura das obras, sendo capaz de explorar, com a criança leitora, todos os elementos paratextuais, contextuais, linguísticos, visuais, gráficos, entre outros que uma obra literária pode oferecer.

Referências

ABREU, J. V de. *Literatura infantil no Brasil: a voz da FNLIJ nas premiações de 2012 e 2013*. 2015. 185 f. Doutorado (Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ALARCÃO, R. As diferentes técnicas de ilustração. In: OLIVEIRA, I. (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra, o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 61-73.

ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. Trad. Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012. 208 p.

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2011. 370 p.

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. 176 p.

BERNARDO, G. A qualidade da invenção. In: OLIVEIRA, I. de (Org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?*: com a palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005. p. 9-24.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007. 424 p.

CHAMBERS, A. *Dime: los niños, la lectura y la conversación*. Trad. Ana Tamarit Amieva. México: FCE, 2007. 171 p.

COELHO, N. N. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000. 288 p.

COLOMER, T. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003. 456 p.

COLOMER, T. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017. 336 p.

CORRÊA, H. T. Qualidade estética em obras para crianças. In: PAIVA, A.; SOARES, M. (Org.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 91-109.

COSSON, R. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014. 192 p.

CUNHA, L. Poesia e humor para crianças. In: OLIVEIRA, I de (Org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?*: com a palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005. p. 77-90.

DANIELS, H; STEINEKE, N. *Mini-lessons for literature circles*. Portsmouth: Leigh Peake, 2004. 292 p.

FARBIARZ, J. *et al. Os lugares do design na leitura*. Rio de Janeiro: Novas Ideias, 2008.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL.
<<http://www.fnli.org.br/>>

FITTIPALDI, C. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, I. (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 93-121.

LAJOLO, M. ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: uma nova/outra história*. Curitiba: PUC Press, 2017. 152 p.

LINDEN, S. V. D. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. 184 p.

HENDEL, R. *O design do livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 224 p.

HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 328 p.

MACIEL, F. I. P. O PNBE e o Ceale: de como semear leituras. In: PAIVA, A.; SOARES, M. (Org.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 7-20.

MARTHA, A. A. P. Qualidade na literatura infantil e juvenil: como reconhecer na prática de leitura? In: OLIVEIRA, I de. (Org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra, o educador*. São Paulo: DCL, 2011. 408 p.

OLIVEIRA, I de. (Org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra, o escritor*. São Paulo: DCL, 2005. 200 p.

OLIVEIRA, I de. (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra, o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. 216 p.

OLIVEIRA, I de. (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil?: com a palavra, o educador*. São Paulo: DCL, 2011. 408 p.

POWERS, A. *Era uma vez uma capa*. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 144 p.

QUEIRÓS, B. C. Leitura, um diálogo subjetivo. In: OLIVEIRA, I de. (Org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra, o escritor*. São Paulo: DCL, 2005. p. 167-174.

RAMOS, G. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2013. 176 p.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003. 235 p.